

ÁRIDOS CABEDAIS: FAMÍLIA, PATRIMÔNIO E COTIDIANO NA RIBEIRA DO SERIDÓ COLONIAL

Muirakytan K. de Macêdo*

RESUMO

Trata-se da história da família nos sertões pecuarísticos da Ribeira do Seridó, região colonial entre as capitanias do Rio Grande do Norte e Paraíba. A problematização que escolhemos para focar o tema foi a constituição dos arranjos familiares através da relação entre o patrimônio (cabedal) e o cotidiano. Vasos comunicantes que possibilitam a compreensão de uma sociedade que se formulou nas franjas do antigo sistema colonial, mas se articulando a ele. Sendo assim, intentamos entender como as famílias coloniais viveram e sobreviveram no semi-árido da América portuguesa do século XVIII. Estudar a família nestes espaços não hegemônicos do período colonial ainda é uma tarefa muito nova, posto que a ênfase historiográfica, comumente, era dada à zona açucareira próxima ao litoral pernambucano e baiano. Assim, desenvolvemos uma perspectiva que enfatiza os usos da cultura material na constituição das famílias que viviam do pastoreio nas fazendas de criar gado nos sertões das caatingas seridoenses.

Palavras-chaves: história da família, cultura material, Seridó, pecuária, patrimônio familiar.

RÉSUMÉ

Cette recherche porte sur l'histoire de la famille dans le *sertão* de la *Ribeira do Seridó*, région coloniale d'élevage de bétail située entre les capitaineries du Rio Grande do Norte et de la Paraíba. Nous avons choisi, pour traiter le thème, d'établir une problématique portant sur la constitution des stratégies familiales associant le patrimoine (*cabedal*) et le quotidien. Vases communicants qui permettent la compréhension d'une société qui s'est formée aux marges de l'ancien système colonial tout en s'y articulant. De fait, nous voulons comprendre comment les familles coloniales vivèrent et survivèrent dans les terres arides de l'Amérique portugaise du XVIII^e siècle. Étudier la famille dans ces espaces annexes du monde colonial est encore une tâche inédite car, traditionnellement, les travaux des historiens portent sur les zones de plantations proches du littoral du Pernambuco et de Bahia. Ainsi, nous choisissons une perspective qui privilégie les usages de la culture matérielle dans la constitution des familles qui vivaient des activités agro-pastorales développées dans les fermes d'élevage des *sertões* arides du Seridó.

Mots-clés: Histoire de la famille, culture matérielle, *Seridó*, bétail, patrimoine familial.

Para fins de precisar nosso objeto de pesquisa no espaço e no tempo, levamos em conta três critérios: a persistência “identitária” da região, sua territorialização histórica e a produção de documentos a partir deste recorte. Optamos, então, pelo recorte espacial do Seridó segundo a cartografia que tomou a Freguesia da Gloriosa Sant’Ana quando dela já houvera sido desmembrada a Freguesia de Nossa Senhora da Guia, em 1788, e a Freguesia de Nossa Senhora das Mercês da Serra do Cuité, em 1801.

* Professor doutor do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Para dar conta de nosso objeto utilizamo-nos das fontes cartoriais que sustentaram a exploração empírica dos aspectos ligados à cultura material (patrimônio, economia doméstica e a instituição e desdobramento do *processo civilizatório*), cotidiano (costumes domésticos e atitudes diante da vida e da morte) e transmissão de bens. Nessa classe de documentação, compulsamos inventários e testamentos do século XVIII (o mais antigo data de 1737). Constam sessenta e seis no 1º Cartório de Caicó (sob custódia do Laboratório de Documentação Histórica do CERES - LABORDOC). A metodologia das fichas de coleta de dados foi inspirada em instrumentos de pesquisa desenvolvidos por Stanczyk Filho (2003), que redimensionamos para adaptá-los à realidade empírica de nossa pesquisa. Ainda em documentação cartorial pesquisamos as 119 cartas de alforria registradas nos nove Livros de Notas do Primeiro Cartório Judicial de Caicó, que cobrem o período que vai de 1780 a 1814.

Outro manancial arquivístico que exploramos guardava-se nas fontes paroquiais, utilizadas principalmente para investigar a dinâmica demográfica do Seridó (através dos livros de assentos da Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó), assim como para traçar o perfil da família seridoense e delinear as condições demográficas no que se refere às práticas e representações do casamento, nascimento e morte. Para tal intento, utilizamo-nos da metodologia da Demografia Histórica, através das fichas de batismo, casamento e óbitos, segundo o modelo Fleury-Henry, adaptado à documentação brasileira por Maria Luiza Marcílio (1977).

Lastreamos nossas análises na leitura de documentos produzidos a partir da própria administração colonial, fontes pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), em Portugal, e disponibilizadas pelo Projeto Resgate. Utilizamos, especialmente, o conjunto atinente às capitânicas do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, um rico acervo particularmente importante no que diz respeito à dinâmica sócio-econômica e demográfica da América Portuguesa.

Investigamos, também, 230 cartas de requerimento de sesmarias da área que forma o complexo da Ribeira do Seridó. Documentos que se distribuem entre as duas últimas décadas do século XVII e final do século XVIII.¹ Também aqui coletamos as informações que nos interessavam, principalmente para o primeiro capítulo, em fichas organizadas em um banco de dados do Microsoft Access, tratado estatisticamente pelos programas Microsoft Excell e SPSS for Windows, versão 10.1.

¹ Tais registros encontram-se nos cinco volumes de “Sesmarias do Rio Grande do Norte”, editados em 2000 pela Coleção Mossoroense, e em *Apontamentos para a História Territorial da Parayba*, livro organizado por João de Lyra Tavares (1982).

O conjunto dessas fontes passíveis de seriação e, principalmente, o cruzamento de dados, ofereceu elementos que julgamos extremamente importantes para um exame da história da família seridoense para além do impressionismo dos escritos regionalistas. E neste sentido, aqui cabe uma ressalva: não construímos uma história genealógica das raízes das famílias seridoenses tão decantadas pelas estirpes dominantes da região. Nossa preocupação era entender as famílias seridoenses a partir de dois focos: patrimônio e cotidiano. Não importando realçar este ou aquele ancestral das linhagens seridoenses.

O espaço seridoense foi construído a partir da expansão pecuarística no âmbito da economia colonial. Produto das atividades pastorícias, a *Ribeira do Seridó*, primeira denominação geográfica da futura circunscrição seridoense, foi cenário de lutas nas chamadas Guerras dos Bárbaros, que afirmaram a hegemonia do homem branco sobre o predomínio dos nativos tapuias. Tais eventos bélicos, ocorridos entre meados do século XVII e as primeiras décadas do século seguinte, deram-se corpo a corpo e alma a alma. Destruíram-se suscetibilidades de parte a parte, outras surgiram mescladas de sobrevivências mestiças nas práticas sociais e simbólicas.

Um tipo particular de sociedade se plasmou no espaço subsidiário àquele hegemônico da agromanufatura do açúcar. A sociedade da Ribeira do Seridó ali foi moldando-se ao experimentar o semi-árido com a pecuária, cruzando destinos e culturas díspares (cujas referências advieram daquelas indígenas, negras e brancas), por vezes violentamente excludentes, vez ou outra amalgamáveis. Nesse sentido, o Seridó é o *locus* de práticas societárias e mesclagem cultural que produziram arranjos e solidariedades familiares que persistiram na memória regional até os dias de hoje.

Certamente que por se localizar em um espaço elaborado, entre outras determinâncias, pela pecuária no semi-árido da América portuguesa, a sociedade seridoense guardou características próprias neste processo histórico. Seu universo simbólico, cultura material e práticas sociais foram construídas a partir das circunstâncias que a terra e o trabalho ofereceram, pelas experiências ali encontradas, trazidas de outros espaços tanto geográficos quanto sociais e reordenadas no território das fazendas e vilas.

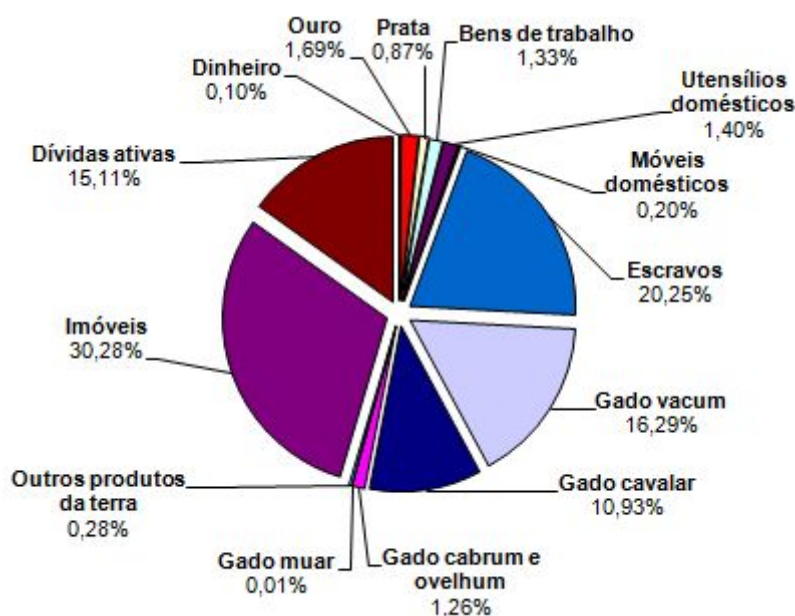
Sua formação demográfica foi dada pelo concurso do elemento branco adventício ou nascido na colônia; africanos e negros nativos da América Portuguesa e índios remanescentes das guerras de preamento e extermínio. Por não produzirem diretamente as mercadorias que interessavam ao circuito comercial mercantilista e sim subsidiassem esta produção com o fornecimento de gado, a economia teve um índice de capitalização muito baixo no semi-árido.

Potencializado pelas constantes secas e pelas conjunturas de crise no setor produtivo açucareiro, os sertões da caatinga reformataram, neste contexto, suas relações sociais, embora seguissem o modelo colonial da sociedade escravista. Sendo assim, os arranjos familiares tecidos no sertão do semi-árido seguiram padrões que obedeceram às vicissitudes deste meio histórico, ambiental e social, onde a estrutura complexa do parentesco foi determinante para construir sociabilidades e solidariedades próprias de uma realidade humana onde imperava a precariedade das relações econômico-financeiras e o relativo isolamento, que refletiam, na propriedade da terra e sua fragmentação (herança, compra e venda), alianças matrimoniais, cultura material e simbólica.

O patrimônio familiar ancorava-se principalmente nas terras, gados e escravos. No primeiro momento, lotes de terras que passavam de 3 léguas foram necessários quando o gado adentrava os sertões, premido pela demanda do regime protéico e motor dos engenhos. A Grande Seca que vigorou entre os anos de 1791-1793, entretimentos, ensimesmou a economia pastoril dos sertões, ao destruir os rebanhos, e despovoou as fazendas. A frágil economia sertaneja do Seridó, que já sofria com a ativação de outros mercados fornecedores de carne, não teve tempo para recompor seu plantel.

GRÁFICO 01

Porcentagem dos bens na composição das fortunas da Ribeira do Seridó



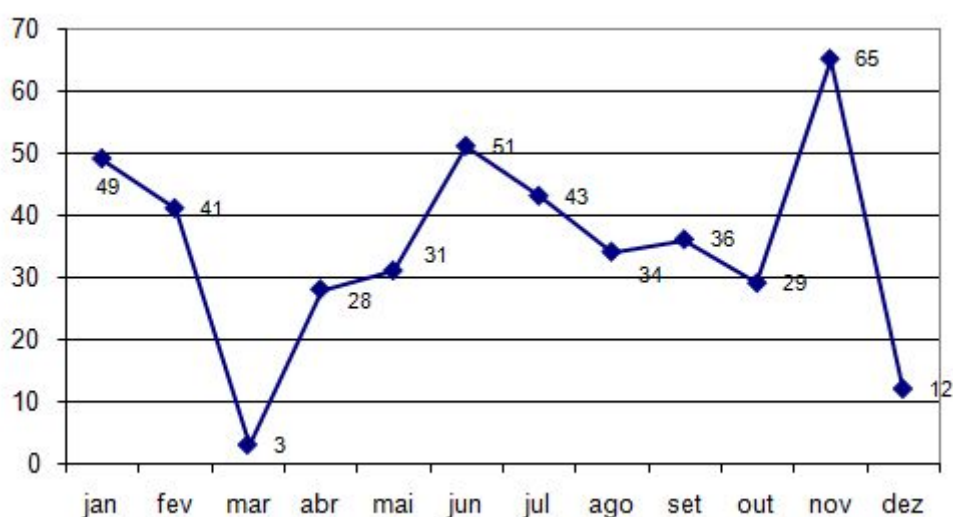
FONTES: Inventários do 1º Cartório de Caicó (1737-1813) – LABORDOC

A despeito de tudo, o gado possibilitou o movimento de mercadorias e pessoas e por outro lado, agenciou todo um complexo de artefatos e técnicas que foram se adequando e modificando-se para atender um modo de vida que era, antes de tudo, movido pela faina pastoril. A arquitetura das primeiras casas de taipa do século XVIII e os móveis contidos nelas não eram unicamente uma expressão de uma sociedade de limitados recursos, mas tinham um sentido utilitário. Eram casas e móveis propícios a retiradas repentinas, demonstrando que tinham um sentido na lógica da fuga que sempre esteve posta na vida no semi-árido de imprevisíveis quadras chuvosas. A rusticidade não era simplesmente falta de criatividade e de capitais, portanto. Neste ambiente doméstico, aparentemente tão fechado ao mundo exterior, abriram-se frestas para o processo civilizatório, polindo vagarosamente a aridez dos hábitos pastoris com o uso de etiquetas e equipamentos do cotidiano europeu.

Mesmo com a distância geográfica das maiores cidades da América portuguesa, a sociedade não se esfacelou, anômica e celerada. Reuniu-se sobre as normas hierárquicas que regularam de alto a baixo a organização da sociedade. O casamento foi uma das formas de preservação, mas também de reequilíbrio do princípio isonômico de consórcio e aliança entre iguais.

GRÁFICO 02

Movimento sazonal dos casamentos



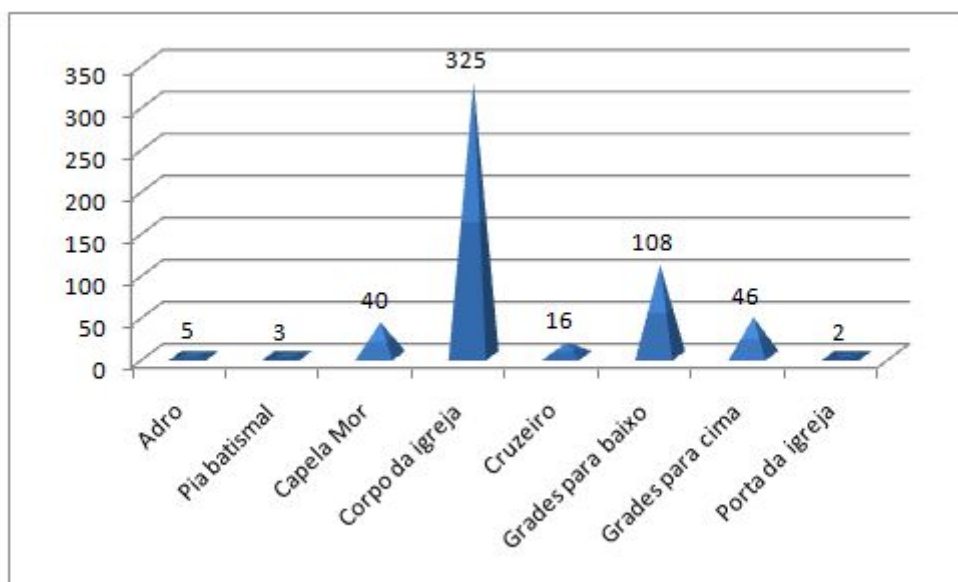
FONTE: Livro de Casamento da Paróquia de Caicó (1788-1811)

O gráfico 02 demonstra as quedas abismais da frequência dos casamentos nos meses de março e dezembro. Ao passo em que janeiro, junho e dezembro concentravam os maiores índices de enlaces matrimoniais. Casar, consumir o casamento. Significava, na noite de núpcias, o óbvio, desvirginamento. Porém, o coito era regulado pelo tempo sagrado, pelo menos em tese, mas que valia para com mais força pelo casamento. O período quaresmal e o Natal. Ao todo sete semanas durante o ano nas quais o casamento era interdito: vinte e um dias antes do Natal e quarenta dias antes da Páscoa. (VAINFAS, 1986) (BACELLAR, 2001) Os picos dos meses de junho e julho eram devidos ao período das colheitas e à apuração das rendas com a reprodução do gado.

Nem mesmo a morte igualava a todos. Partindo do lugar social do indivíduo, definia-se o lugar onde ele deveria ser sepultado, colocando-o em posição privilegiada de acesso ao paraíso.

GRÁFICO 03

Distribuição das sepulturas da população branca na matriz e capelas da Freguesia de Santana (1789-1811)

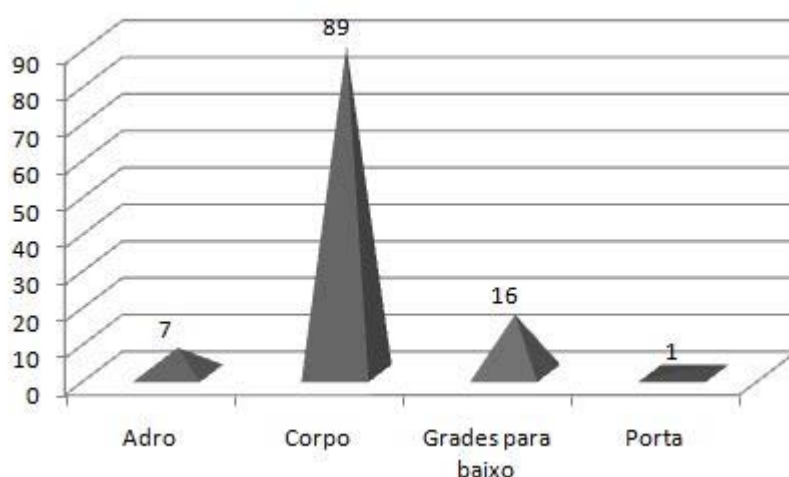


FONTE: Livro de Óbitos e Sepultamentos da Paróquia de Caicó (1789-1811)

Mas existiam outras peculiaridades a serem consideradas. Enterros na porta da igreja poderiam ser um sinal de pio arrependimento, para uma pessoa rica que passou a vida cônica

de seus pecados e, vendo-se aterrado de medo de arder no inferno, queria demonstrar sua contrição e humildade, fazendo com que todos os fiéis, ao entrarem na igreja, pisassem seu túmulo. A pia batismal também era um lugar escolhido, dado o contato que a sepultura poderia ter com os respingos da aspersão da água benta que santificaria involuntariamente o defunto. (REIS, 1991, p. 171 e passim)

GRÁFICO 04
Distribuição das sepulturas de pobres, índios e forros na matriz e capelas da Freguesia de Santana (1789-1811)



FONTE: Livro de Óbitos e Sepultamentos da Paróquia de Caicó (1789-1811)

Considerando o que escrevemos sobre o adro, justifica-se a presença, no gráfico acima, de tão poucos enterramentos declarados naquele sítio. Mas, as referências crescem no que diz respeito às “grades para baixo”, onde foram enterrados 16 corpos dentre escravos, índios e forros. Muito provavelmente de escravos e índios que contraíram especial familiaridade e afeto no seio da família do amo e de forros que conseguiram amealhar dinheiro suficiente para comprar seu lugar junto ao céu.

Movimento, flutuações abissais da população faziam dos sertões um universo pulsátil. Atingia sua expansão em determinados momentos para se contrair em outros. A avaliação demográfica do período demonstra isso. Lamentamos não termos tido condições de dar visibilidade a todo o material coligido e sistematizado que não aparece explicitamente aqui. E aí nos sentimos entre Montailloo e Waterlloo. Porém, como um historiador se lamenta após o término de uma pesquisa que é obrigada a chegar a um porto, mas nunca um ponto final! E os portos nunca são exclusivamente de chegada. Logo, os barcos se reequipam para novas viagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais : patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (Séc. XVIII)**. Natal, RN, 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

MARCÍLIO, Maria Luiza. (org). **Demografia histórica**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1977.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 2000.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

STANCZYK FILHO, Milton . Instrumentos de pesquisa: indicadores possíveis na exploração de testamentos e inventários *post-mortem*. In: **Anais da V Jornada Setecentista**. Curitiba, 2003. Disponível em: www.humanas.ufpr.br/departamentos/dehis/cedope/atas.htm. Acesso em outubro de 2005.

VAINFAS, Ronaldo (Dir.). **Dicionário do Brasil colonial – 1500 – 1808**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

_____. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 35, 1993. p. 9-27.